

Bolsistas egressos de Iniciação Científica Júnior: oportunidades e desafios

Scholarship graduates from Junior Scientific Initiation: opportunities and challenges

Egresados becarios de Iniciación Científica Junior: oportunidades y retos

Mayra Guterres Regis¹

<https://orcid.org/0000-0003-3216-1047>

Vera Lucia Felicetti²

<https://orcid.org/0000-0001-6156-7121>

¹ Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: mayra.gregis@gmail.com.

² Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina – Brasil. E-mail: verafelicetti@gmail.com.

Resumo

Este estudo surgiu da experiência com estudantes do Ensino Médio e do envolvimento deles com projetos de pesquisa no ambiente escolar. Assim, os egressos são o foco do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que foram Bolsistas de Iniciação Científica Júnior (BICJ) no projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem. A questão de pesquisa constitui-se em: como se configuram as contribuições (ou não) do programa de Iniciação Científica Júnior (ICJ) na vida escolar de egressos do Ensino Médio de uma escola estadual de Porto Alegre? De cunho qualitativo e com base na análise textual discursiva realizada no *corpus* formado, emergiram três categorias: experiências formativas, que descreve as experiências dos bolsistas vivenciadas no decorrer do Ensino Médio e do projeto; vivências transformadoras, com duas subcategorias: transformação do olhar sobre si mesmo e transformação social, denotando a identificação das contribuições do programa na vida dos egressos; e os fatores relacionados ao projeto que contribuiriam para a continuação dos estudos na Educação Superior na categoria construção de um projeto de vida.

Palavras-chave: Bolsistas de Iniciação Científica Júnior. Ensino e aprendizagem. Egressos.

Abstract

This study is the result of an experiment with high school students and their involvement in research projects in the academic environment. Therefore, the focus is on graduates of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), who were Bolsistas de Iniciação Científica Júnior (BICJ) in the Biblioteca Viva Project: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem. The research question is as follows: How does the Junior Scientific Initiation Program contribute (or not) to the academic lives of these high



school graduates of a state school in Porto Alegre? Based on a qualitative textual discourse analysis carried out on the corpus created, three categories emerged: educational experiences, which describes the experiences by the scholarship holders over the course of High School and the project; transformative experiences, which has two subcategories: transformation of how they view themselves and social transformation, referring to the identification of the program's contributions to the lives of the graduates; and factors related to the project, which contributed to continuing studies after High School, in the category building a life project.

Keywords: *Junior Scientific Initiation scholarship graduates. Teaching and learning. Graduates.*

Resumen

Este estudio surgió de la experiencia con estudiantes de Educación Secundaria y su participación en proyectos de investigación en el ámbito escolar. Así, está puesto en los egresados del Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que fueron Bolsistas de Iniciação Científica Júnior (BICJ) en el proyecto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem. La cuestión de investigación es: ¿Cómo se configuran las contribuciones (o no) del programa de Iniciação Científica Junior (ICJ) en la vida escolar de los egresados de la Educación Secundaria de una escuela estadual de Porto Alegre? Cualitativamente y con base en el análisis discursivo textual realizado en el corpus formado, surgieron tres categorías: experiencias formativas, que describe las experiencias vividas por los becarios durante la Educación Secundaria y el proyecto; experiencias transformadoras, con dos subcategorías: transformación de la mirada sobre sí y transformación social, denotando la identificación de los aportes del programa en la vida de los egresados; y factores relacionados al proyecto que contribuyeron para la continuación de los estudios en la Educación Superior en la categoría construcción de un proyecto de vida.

Palabras clave: *Becarios de Iniciação Científica Junior. Enseñanza y aprendizaje. Egresados.*

1 Introdução

A articulação entre o ensinar e o pesquisar denota atividades que se comunicam com diferentes intencionalidades. Exige a construção de novos conhecimentos, atualizações na formação e integração da escola com Instituições de Educação Superior (IES) mediante programas e apoio a projetos. Tais ações melhoram o ensino e conectam diferentes contextos e níveis de aprendizagem, promovendo avanços em Educação, especialmente na condução e preparação de jovens para o mundo científico.

Com tais propósitos, o projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem nasce em uma escola estadual, no âmago de uma “biblioteca”. Nela, muitos livros no chão, empoeirados, alguns nas prateleiras, outros pelas poucas mesas que ali estavam, dentro de pequenas caixas ou fora, todos misturados, sem qualquer organização ou classificação, em um espaço insalubre no qual se prospectou um ambiente que poderia dar mais

incentivos e estímulos aos alunos à leitura, a troca de conhecimentos e pesquisas junto à comunidade escolar e acadêmica com Bolsistas de Iniciação Científica Júnior¹ (BICJ). Esse tipo de bolsa teve, a partir de 2010, junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o desenvolvimento do Programa Institucional de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM), que oportunizou às instituições e universidades oferecer bolsas aos estudantes do Ensino Médio. Os objetivos do PIBIC-EM dentro do programa do CNPq ([2022]) são: “Fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos e desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes”.

Essa modalidade de bolsa incentiva os estudantes a participarem de suas comunidades escolares e a contribuírem com questões emergentes vivenciadas no cotidiano escolar, tal como a situação da “biblioteca” apresentada anteriormente. A experiência como bolsista proporciona oportunidades de colaboração e desenvolvimento não apenas das tarefas designadas pelos orientadores, mas, também, a possibilidade de participação em outras atividades que venham a beneficiar o seu crescimento acadêmico, pessoal e profissional, conforme o postulado pelo CNPq ([2020]).

Nessa perspectiva, este artigo apresenta os achados de uma coleta de dados proveniente de pesquisa realizada com egressos que foram BICJs no projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem. Os objetivos dessa pesquisa eram identificar e analisar as configurações das contribuições (ou não) do programa de ICJ na vida escolar de egressos do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Porto Alegre.

2 Importância da bolsa de ICJ para formação e incentivo a novos pesquisadores

A revisão de literatura realizada permitiu identificar que, entre as experiências vivenciadas pelos BICJs ao longo dos projetos, estão as possibilidades de partilhas entre eles, com professores, orientadores, na escola e em outros espaços de trocas e interações; de o conhecimento ser desenvolvido além da sala de aula; bem como de formação, aprendizagem e crescimento pessoal durante a caminhada com a pesquisa. Dessa forma, segundo Santos (2011, p. 36), “Os sujeitos, diretamente envolvidos na ICJ, organizam suas vivências quando estão

¹ O projeto iniciou com três alunos bolsistas de Iniciação Científica Júnior no ano de 2016.

envolvidos com as atividades da iniciação científica”, gerando mais conhecimento e interagindo sobre determinado tema para que possa ser aprimorado e dar oportunidade para a realização de novas pesquisas. Santos (2011, p. 27) reforça, ainda, a necessidade de pesquisas sobre o universo de bolsistas: “É importante realizar pesquisas para conhecer como se processa a ICJ, quais as contribuições efetivas que este tipo de prática tem à formação dos estudantes e que processos de ensino e aprendizagem têm sido desenvolvidos”.

A bolsa de ICJ permite ao estudante dar sentido à pesquisa e conceber a natureza da atividade científica. Mesmo sem ter conhecimento prévio ou fundamentos básicos sobre a pesquisa científica, a inserção como bolsista no Ensino Médio oferece novas possibilidades na Educação Superior, considerando que, em geral,

[...] O aluno que chega do ensino médio não possui um padrão científico sobre a pesquisa, tendendo a desenvolver suas atividades apenas com referenciais sobre a pesquisa escolar, em que comumente são realizadas coletas de dados bibliográficos realizadas em livros ou na internet apresentados dentro de um formato padrão em que raramente se apresentam a fonte de onde retiraram as informações, “pesquisa”. Seguindo nesta linha de pensamento da realidade em nossos alunos calouros sobre o ensino fundamental, o caráter científico tende a não ser abordado ou desenvolvido pelos mesmos sem uma orientação (Bezerra, 2013, p. 20).

A inserção do aluno bolsista na pesquisa, no decorrer de sua aprendizagem, necessita ser examinada pelo seu orientador, o que depende, de acordo com Conceição (2012, p. 31), de que a avaliação seja realizada por “[...] equipes regulares com os estudantes com o objetivo de avaliar o processo de aprendizagem do jovem no que diz respeito à capacidade de assimilação do trabalho de pesquisa científica e tecnológica”. As avaliações no decorrer da bolsa e as suas análises constatarem o crescimento ou o que é necessário para auxiliar da melhor forma a participação dos estudantes e seu desenvolvimento no contexto da pesquisa como bolsista, para que ele possa concluir os objetivos propostos quando do ingresso na iniciação científica.

A participação em projetos fornece ferramentas e estratégias para os alunos bolsistas de modo que eles não apenas façam parte da pesquisa, mas também criem novos hábitos ou aprimorem aqueles já existentes, como o da leitura e da comunicação; aprendam a lidar com situações conflitantes presentes no campo científico; realizem experimentos e manipulem os materiais do laboratório; interajam e concebam relações entre a teoria e a prática.

Como ferramentas e estratégias para o crescimento da sua formação, argumenta Conceição (2012, p. 39) que há “[...] contribuição para a formação do aluno em

comparecimento em palestras, seminários, defesas de trabalhos científicos de grupos de pesquisa, assim como no auxílio ao seu pesquisador-orientador na execução de projetos desenvolvidos no laboratório”. Além disso, os bolsistas podem participar de feiras de ciências ou outros eventos que permitem a apresentação de pesquisas, na forma de comunicações ou de *banners*.

O envolvimento desde a Educação Básica, em conjunto com a Educação Superior, o fazer pedagógico com a pesquisa e todos seus princípios e fundamentos, bem como o envolvimento da família nesse processo com os estudantes, trazem desenvolvimento aos bolsistas, auxiliando-os em seus objetivos futuros e nas escolhas de suas profissões, assim como o encaminhamento no mercado de trabalho. Por outro lado, existe a desistência dos alunos, que, segundo Bezerra (2013, p. 42), pode se dar pela realização de atividades não relacionadas com a pesquisa ou por timidez.

Pode-se concluir ainda que a dinâmica de envolvimento dos estudantes em atividades de pesquisa no *campus* precisa ser amadurecida, partindo-se da revisão das práticas desenvolvidas na instituição, bem como uma revisão da jornada diária destas atividades de forma que, se desenvolver um trabalho mais efetivo, valorizando a descoberta e a investigação como ferramentas pedagógicas do dia a dia e não “privilégio” para uns poucos afazeres de pesquisadores. Isto poderia acontecer sem que houvesse a separação dos dois momentos (Ensino/Pesquisa), sem que um não dependa do outro.

Essa construção ainda na Educação Básica estimula o aluno a pensar no seu futuro e como projetar o seu crescimento pessoal e profissional, conforme afirma Santos (2011, p. 38): “Aprendizagens e percepções serão organizadas internamente e podem influenciar posicionamentos futuros”. As experiências adquiridas na iniciação científica e na sua formação são oportunidades de aprender sobre a pesquisa e a ciência desde o Ensino Médio. “Desse modo, com uma nova concepção do que vem a ser ciência, o estudante do ensino médio refletirá mais conscientemente sobre sua definição profissional, favorecendo, assim, a uma escolha mais consciente” (Conceição, 2012, p. 39), contribuindo, também, para o acesso à Educação Superior dos que foram BICJs.

Aspectos como interações entre escola, universidade e comunidade; a necessidade de docentes na orientação do campo científico; os desafios das políticas que subsidiam esses programas de fomento à pesquisa, fornecendo auxílio financeiro para mitigar as desigualdades econômicas, sociais e culturais de alunos que pretendem cursar a Educação Superior e

aprofundarem-se em temas do campo científico estudado, têm destaque em estudos que envolvem BICJs. Conforme Oliveira (2015, p. 158), “[...] podemos ainda acrescentar que a bolsa também seria determinante para a permanência nas escolas”.

Oliveira (2015) e Rodrigues (2016) relatam que a modalidade de bolsas de ICJ proporciona a articulação entre escola, universidade e comunidade. Isso motiva os estudantes a interagirem mais com os professores e com as pesquisas. O valor da bolsa, que é de R\$ 300,00 ao mês², embora irrisório, é significativo para o aluno de Ensino Médio da escola pública, pois é, na maioria das vezes, o primeiro ganho deles e isso os incentiva a seguirem na iniciação científica, ampliando as oportunidades para o seu futuro, logo podendo iniciar na Educação Superior. Nessa direção, Rodrigues (2016, p. 15-16) afirma que:

Dentre as modalidades de auxílio à formação e pesquisa, o órgão governamental oferece a modalidade de bolsas de Iniciação Científica Júnior (ICJ), cuja proposta é despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes do ensino fundamental, médio e profissional da Rede Pública, mediante sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, orientadas por pesquisador qualificado, em instituições de ensino superior ou institutos/centros de pesquisas. Além do mais, busca-se ampliar a articulação entre instituições de ensino superior e de pesquisa e o Ensino Médio ou Educação Profissional, oportunizando parceria na formação de futuros profissionais; favorecer o aprendizado dos estudantes das escolas envolvidas em práticas de pesquisas diferenciadas, com vistas a valorizar a formação do aluno pesquisador e motivar sua inserção no meio científico acadêmico; e incentivar os docentes/pesquisadores de instituições de ensino superior e institutos de pesquisa na aproximação com a escola pública como espaço de investigação e intervenção.

Dessa forma, o trabalho em conjunto entre Educação Básica e Superior apresenta pontos positivos com base nas leituras realizadas na revisão de literatura. Os estudantes estão sendo beneficiados, principalmente, com o crescimento na sua formação pessoal e profissional, um desenvolvimento que vai além da escola, e, após a conclusão do Ensino Médio, prospecta a continuação dos estudos na Educação Superior.

3 Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, caracterizada por sua evolução e progresso entre teoria e prática. Conforme Chizzotti (2006, p. 48), “[...] a evolução da pesquisa qualitativa está

² Valor referente ao ano de 2024. Quando da participação no projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem, o valor da bolsa era de R\$100,00.

marcada por rupturas mais que por progressão cumulativa, obriga tensões teóricas subjacentes cada vez mais inovadoras que a distanciam de teorias, práticas e estratégias únicas de pesquisa”.

Como técnica para a coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas, realizadas em 2022 com os BICJs que foram alunos do Ensino Médio (entre 2016 e 2019 e agora egressos) e participaram do projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem, desenvolvido em uma escola da rede Estadual do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. Essa técnica de entrevista dá a possibilidade de fornecer, segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 65), uma “descrição detalhada” que vai além das respostas prontas, mas reflexões a respeito do que se passou (muitas vezes inimaginável), surpresas, lembranças e memórias importantes, ou que surgem e, ainda, novas questões que vão sendo destacadas como importantes sobre a participação dos BICJs.

A entrevista aqui delineada está inserida em um estudo de caso, que proporcionará um aprofundamento às indagações acerca da temática de pesquisa em tela: Como se configuram as contribuições (ou não) do programa de ICJ na vida escolar de egressos do Ensino Médio de uma escola estadual de Porto Alegre? Porquanto, “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados” (Gil, 2008, p. 57).

Sendo assim, esta pesquisa, caracterizada como estudo de caso, ocupa-se em analisar como se configuram as contribuições (ou não) do programa de ICJ na vida escolar de egressos do Ensino Médio de uma escola estadual de Porto Alegre.

Para a análise de dados, optou-se pelo método de Análise Textual Discursiva (ATD), uma abordagem que se apoia, de um lado, em dados produzidos a partir de um determinado texto, e, de outro, nos significados atribuídos pelo autor na interpretação desse material (Moraes; Galiazzi, 2006). Da análise realizada emergiram três categorias: “Experiências formativas”; “Vivências transformadoras”, com duas subcategorias: “Transformação do olhar sobre si mesmo” e “Transformação social”; e “Construção de um projeto de vida”.

Apresentam-se a seguir os resultados da análise empreendida ao *corpus*, sendo realizada a partir de um exercício de transcrições e interpretação das entrevistas com os participantes da pesquisa. A análise inicial se detém ao perfil sociodemográfico dos participantes, seguindo com as categorias emergidas na análise.

4 Caracterização dos participantes

Os cinco egressos participantes da pesquisa compareceram nos dias marcados na escola para as entrevistas. Os egressos têm entre 20 e 22 anos. Quanto ao sexo³, um é do sexo masculino e quatro do feminino. Todos os cinco egressos são naturais do município de Porto Alegre/RS e concluíram o Ensino Médio entre os anos de 2016 e 2019. Todos eles sempre foram estudantes de escola pública e, entre eles, um esteve todo período escolar na mesma escola onde atuou como bolsista. Quando da realização desta pesquisa, dois deles não trabalhavam e três egressas trabalhavam. Três deles estavam na Educação Superior, sendo os cursos de Biotecnologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ciências Contábeis na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Fisioterapia no Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (Cesuca); uma egressa concluiu o curso de técnico em Nutrição na Escola Estadual de Educação Profissional em Saúde no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (EPS); somente uma não continuou os estudos após a conclusão do Ensino Médio, justificando que, após o término, preferiu descansar, mas que pretendia retornar aos estudos e que faria o exame vestibular no final de 2022.

5 Experiências formativas

As experiências dos bolsistas durante o projeto se entrelaçam com aquelas vivenciadas no contexto da escola, quer seja dentro ou fora da sala de aula. Esses bolsistas, que no período do projeto estavam na adolescência, com seus medos, anseios, timidez e conflitos internos, próprios dessa etapa do desenvolvimento, passaram a lidar com tais sentimentos com maior naturalidade, mostrando o quão positivo pode ser, nessa fase da vida, o envolvimento em projetos escolares.

Os relatos dos participantes evidenciam um amadurecimento durante o período em que atuaram como bolsistas. Essa experiência os colocou como sujeitos centrais no projeto, protagonistas, que pouco a pouco foram se apropriando das responsabilidades e desenvolvendo autonomia no gerenciamento do tempo, das escolhas e das múltiplas tarefas no decorrer do projeto, além de maior dedicação aos estudos para a conclusão do Ensino Médio.

³ Para identificação dos entrevistados, será utilizado: “o egresso” para o sexo masculino e “a egressa” para o sexo feminino.

Eles tornaram-se parte de um grupo com regras e passaram a compartilhar valores, costumes e aprendizagens em cada momento vivido. Esse convívio contribuiu para o crescimento dos estudantes tanto no âmbito escolar quanto no pessoal. As interações entre eles, com docentes e integrantes da Rede Geres⁴ fortaleceu o crescimento do grupo.

Os bolsistas cumpriram suas funções nas três fases do projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem. A primeira fase correspondeu à preparação do ambiente para se tornar um espaço digno de aprendizagem, separando objetos e livros e descartando os materiais não adequados ao espaço (Figura 1). A segunda foi voltada à restauração dos livros já existentes na biblioteca, à organização do novo espaço e promoção de atividades educacionais de incentivo à leitura e à pesquisa. A terceira fase foi marcada pelas atividades da hora do conto e aconteceu concomitantemente às duas primeiras; porém, antes da organização do espaço, as atividades aconteciam nas salas de aula. Nessa fase, houve a continuação do registro dos livros antigos e novos no sistema PHL⁵ e das atividades educacionais com os estudantes dos anos iniciais. Em cada fase os bolsistas ficaram encarregados de determinadas atividades na biblioteca, como será mencionado no decorrer deste texto.

O espaço reservado para a biblioteca da escola estava em desuso. Na verdade, era um lugar usado para o acúmulo de objetos, como pá de obra, mimeógrafo, armários velhos ou estragados e materiais de professores que já não estavam mais lá; um local úmido e contaminado pelos cupins, sem a devida limpeza, com livros desorganizados, sujos e sem acesso para os alunos. Isso é lembrado pelo Egresso 1, que menciona, com razão, quando fala que, *“inicialmente, o que a gente tinha era uma, era um... era um ambiente caótico, um ambiente sujo, muito sujo, completamente desorganizado. Os livros estavam completamente misturados”*. Não havia condições de nenhum professor ter interesse em levar seus alunos ou mesmo ir buscar por um título de livro naquele lugar. Na Figura 1 temos evidências de como a biblioteca estava.

⁴ Grupo de Estudos Relacionados aos Estudantes (Rede Geres), coordenado pela docente doutora Vera Lucia Felicetti. Os objetivos das pesquisas, realizadas no âmbito do Geres, estão direcionados a analisar diferentes perspectivas que envolvem o estudante, quer sejam elas voltadas à aprendizagem, ao comprometimento do estudante, sua permanência no contexto escolar, entre outros aspectos que perpassam a sua formação em todos os componentes curriculares e graus educacionais. Esse grupo de pesquisa está vinculado à Universidade La Salle, no Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Pesquisa: Formação de professores, teorias e práticas educativas. Disponível em: <http://pesquisageres.blogspot.com/>. Acesso em: 4 out. 2022.

⁵ O Personal Home Library (PHL) é um sistema especialmente desenvolvido para a administração de coleções e serviços de bibliotecas, centros de informações e museus. Disponível em: <https://www.elysio.com.br/newsite/faqs.html>. Acesso em: 15 jun. 2021.

Figura 1 – Estado da biblioteca em 2015, antes do início do projeto.



Fonte: Acervo das autoras, 2015.

Para iniciar as atividades, foi realizada a limpeza do espaço pela coordenadora do projeto com a ajuda de uma funcionária da biblioteca. *“O primeiro passo que a gente deu para começar a restaurar o ambiente foi tentar organizar os livros, com o descarte dos que apresentavam algum tipo de problema; no começo foram muitos livros, sim, mas depois a gente conseguiu separar esses livros”*, diz a Egressa 2. Os livros foram organizados em categorias de acordo com o manual desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC, 2014). Aqueles que não continham todas as páginas, com folhas rasgadas, sem a possibilidade de conserto, ou por conta dos cupins, eram registrados no livro de descarte. O Egresso 1, então, relata: *“foi um trabalho manual que a gente fez, pegando os livros, retirando as partes sujas deles e colocando de novo aquelas fitinhas atrás para identificar posteriormente”*. Além disso, a Egressa 2 conta que:

Teve muitos livros que, já antes da gente entrar, estavam muito deteriorados, que os cupins tomavam conta. Então, alguns livros para não estragar os demais, eles eram descartados, quando eles estavam minados de cupim, ou livros muito velhos mesmo. Rasgados que já ocorreram também, que não tinha como fazer a leitura daquele livro e do aluno fazer aproveitamento. Eles eram separados para descarte.

Essa preparação do espaço da biblioteca, que a transformou em um ambiente limpo e adequado, deu mais visibilidade ao local e gerou interesse dos que passavam por ali. Cada livro separado recebia uma cor de fita e era classificado por área do conhecimento, ordem alfabética, assunto, autores, Ensinos Fundamental e Médio. *“Todo mundo trabalhava junto, daí a gente*

conseguia deixar as coisas prontas e depois partia para aquela etapa”, explica a Egressa 2. Na sequência da organização dos livros, que já estavam em ordem, “a gente começou a colocar no sistema; ficava um responsável naquela tarde para fazer no sistema, enquanto os outros preparavam os livros” (Egressa 2). O que era registrado no sistema recebia igualmente um registro em um livro físico, como garantia caso houvesse perda do sistema, conforme explica a Egressa 2:

Há uma classificação dos livros e de formas diferentes, então a gente preparava todo o livro, deixava pronto, para depois lançar no sistema. Depois de lançado no sistema, gerava os códigos, colocava o código no livro, registrava ele no livro físico também, que ainda tem, e depois disso que ia para a prateleira.

Com os livros já revitalizados e prontos para ir para a prateleira, eles eram ordenados conforme suas classificações. *“Todas as atividades eram feitas em grupo entre os bolsistas, a funcionária da biblioteca e a coordenadora do projeto”,* informa a Egressa 2. E, assim, foram sendo organizados os livros (Figura 2) já existentes e os novos que estavam chegando.

Figura 2 – Organização e catalogação dos livros da biblioteca.



Fonte: Acervo das autoras, 2016.

Enquanto os bolsistas estavam trabalhando na organização dos livros, o novo espaço era preparado: foi feita a troca de piso, manutenção da rede elétrica, pintura e compra de móveis. Durante o período de férias escolar, nos meses de janeiro e fevereiro, a equipe começou a

preparação e a mobilização para o novo espaço; “*desmontar as estantes, tentar não misturar os livros tanto do lugar e trazer para encaixar direitinho no novo espaço, então foi bem legal, foram várias tardes*” (Egressa 2).

Observa-se, na fala do egresso, autonomia, iniciativa e vontade de fazer acontecer permeando aquele espaço. Para que todos os estudantes da escola tivessem acesso e melhor se localizassem dentro da biblioteca, os bolsistas organizaram a identificação nas estantes de acordo com suas classificações e em cada espaço ficou determinado um nível de conhecimento e os livros para cada faixa etária. Além disso, foi providenciado um espaço de leitura com sofás, mesas com cadeiras para pesquisa, um armário e o espaço dos computadores⁶.

Com esse novo espaço (Figura 3), atividades como a hora do conto passaram a ocorrer na biblioteca. Os bolsistas aproveitavam o momento de contação de histórias com os alunos dos anos iniciais para torná-lo um momento criativo, que chamasse a atenção deles, como conta a Egressa 2: “*Nesse novo espaço a gente participou mais ativamente da contação de histórias também com algumas turmas; não foram todas as turmas nas tardes que eu estava presente, mas eu lembro muito do professor do primeiro ano ali, o que era bem bacana*”.

Figura 3 – Estado final da Biblioteca em 2019, após o Projeto.



Fonte: Acervo das autoras, 2019.

A contação de histórias era realizada pelos bolsistas e parceiros do projeto: “*Iniciava pela escolha do livro; nos anos iniciais a gente geralmente escolhia o livro ou recebia a indicação*”, no dizer da Egressa 2; essa atividade era destinada, sobretudo, “*aos alunos do*

⁶ Móvel comprado com verba doada por um banco privado.

primeiro ao quinto ano”, como relata a Egressa 4. Tratava-se de uma parceria entre todos os bolsistas, *“sendo que as contações de histórias eram o que exigiam uma maior criatividade nossa”*, como colocou a Egressa 3. Dessa forma, os bolsistas eram responsáveis pela criação e tinham autonomia, mas recebiam ajuda da funcionária da biblioteca e orientação da coordenadora do projeto sobre como montar as atividades para os estudantes, na construção dos cenários, fantoches, roupas, até mesmo para a construção dos personagens, como conta a Egressa 2:

A gente destinava horários e um horário que a turma descesse a gente tentava organizar um cenário bacana dentro do contexto daquele livro, seja com fantoches ou alguma coisa diferente, que pudesse prender a atenção das crianças e realizava, a gente nunca estava sozinho para contar a história. Tinha alguns outros bolsistas também.

Nos momentos da contação de histórias por vezes surgiam algumas dificuldades em relação aos materiais para a construção dos cenários, fantoches, personagens dos livros e o sistema de som ou imagens. Nem sempre esses materiais estavam à disposição ou em pleno funcionamento para que pudessem ser usados nas apresentações, como relata a Egressa 3: *“Na contação de histórias eu e os outros bolsistas fazíamos uma pequena apresentação, porém a escola não tinha muitos materiais”*. Para amenizar essas dificuldades, os egressos buscavam estratégias para realizar o trabalho da melhor forma possível, por exemplo, se organizar com alguma antecedência para que a escola pudesse ter tempo hábil para providenciar o material necessário, como expõe o Egresso 2: *“Dentro do que podia contribuir, eu sempre fazia assim, da melhor maneira, com o que eu podia e o que tinha, não foi algo difícil”*.

A convivência entre os envolvidos se estreita e a proximidade cria, além de laços de amizade e afeto, o respeito, a confiança e a reciprocidade, conforme menciona a Egressa 5: *“Eu sou amiga das pessoas que eu conheci lá até hoje”*. Laços que seguem mesmo após o término do projeto e a conclusão do Ensino Médio.

Além disso, com a realização das atividades como bolsistas de Iniciação Científica Júnior dentro da escola, os egressos puderam se envolver em eventos fora dela. A partir do primeiro ano do Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem, os egressos participaram da Semana Científica na universidade. Na primeira participação, em 2016, foram apresentadas as fases I e II do projeto. Com isso, os alunos sentiram-se mais

preparados para a escrita e organização do *banner* e para a apresentação no ano seguinte. Segundo Santos (2011, p. 25), “[...] a responsabilidade e a conduta independente e o compromisso dos alunos, que se inserem em atividades de pesquisa acadêmica enquanto cursam a educação básica, são fatores que podem desenvolver a autonomia e crescimento pessoal”.

Na terceira participação da Semana Científica, em 2018, os egressos expuseram as atividades de contação de histórias, relatando os momentos únicos para outros estudantes no formato de apresentação oral, como revela o Egresso 4: “*Conhecemos a Universidade, apresentamos o projeto*”, oportunidade ímpar de conhecer outros espaços.

Outro evento que os bolsistas participaram foi um encontro no Parque da Redenção⁷, um dos primeiros passeios com o grupo, em formato de piquenique, com atividades de integração entre os participantes. Foi um momento de descontração, agradável e leve, em um sábado de sol. Nesse mesmo sábado eles foram na roda gigante e outros brinquedos que escolheram⁸.

Os egressos ainda compareceram a outros eventos, como o curso de Contação de Histórias com a professora doutora Adriana Pineda Robayo, que contou com 18 encontros com alunos, professores e bolsistas. Outra atividade foi a confecção de máscaras de gesso. Eles participaram de uma peça de teatro com os integrantes da Rede Geres. Cada um fez a interpretação de um personagem e participou da construção das suas vestimentas e organização do cenário onde atuariam. Os bolsistas puderam mostrar suas habilidades em cena junto com integrantes da Rede Geres e a coordenadora do projeto, que também fez parte da peça. Robayo e Felicetti (2018, p. 396) entendem que “[...] a participação do professor em atividades lúdicas, configura-se como um espaço de ressignificação da prática pedagógica, em um trabalho de reflexão conjunta e colaborativa”.

Após a nova biblioteca estar pronta, iniciou-se a preparação para a sua reinauguração. O convite foi estendido para os alunos, todos os profissionais que trabalhavam na escola, representantes da Secretaria de Educação e professores da universidade. No dia da inauguração do novo ambiente, os alunos deram entrevistas para alguns meios de comunicação, como a RBS

⁷ O Parque da Redenção ou Redenção, como é conhecido, é o parque mais tradicional e popular da cidade brasileira de Porto Alegre/RS.

⁸ Para que os egressos pudessem utilizar os brinquedos no parque de diversões, foi realizada uma doação pela coordenadora do projeto.

TV (Jornal do Almoço⁹) e a TVE¹⁰. Eles contaram sobre suas experiências, funções e a importância da biblioteca para a escola.

Diante do contexto apresentado nas entrevistas, podemos compreender que os bolsistas conseguiram relacionar as atividades em sala de aula com as do projeto na biblioteca. O apoio e incentivo dos professores, da coordenadora do projeto, da funcionária da biblioteca e da direção auxiliaram os estudantes tanto na aprendizagem dos conteúdos, habilidades e competências específicas do Ensino Médio quanto naquela advinda da participação no projeto aqui relatado. Destacamos que esse envolvimento proporcionou um rol de vivências e aprendizagens que transcenderam os conteúdos pré-estabelecidos, especialmente àquelas ligadas ao coletivo, companheirismo, amizade, trabalho em grupo, socialização, autoconfiança e senso de autonomia. Nesse sentido, podemos dizer que o projeto implicou vivências transformadoras, como veremos na sequência.

6 Vivências transformadoras: transformação do olhar sobre si mesmo

Durante a análise dos relatos, foi possível compreender que as vivências no decorrer do projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem proporcionaram, a cada egresso, crescimento e fortalecimento pessoal, transformando suas vidas e olhares para com a sociedade. Fazer parte dessa iniciativa possibilitou transformações na percepção que os bolsistas tinham sobre si mesmos, tais como sentir-se valorizado, capaz, apoiado e realizado.

A escola tem responsabilidade no desenvolvimento e formação intelectual, moral e social dos estudantes durante o período escolar. Ela acompanha-os por, aproximadamente, 12 anos, vendo-os crescer, fazer suas escolhas, escolher seus grupos e, assim, renova-se com o tempo. Nesse processo de desenvolvimento, vê-os amadurecer e tomar suas próprias decisões, o que só é possível com a convivência nesses espaços de interação de um com o outro, oportunizando sua transformação e, por extensão, a da sua realidade.

⁹ **RBS TV** (Jornal do Almoço). Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/alunos-e-professores-de-escola-publica-de-porto-alegre-se-unem-para-transformar-biblioteca/5875554/>. Acesso em: 15 de jan. de 2022.

¹⁰ **TVE** (Panorama). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=beL8iFTq_BU Acesso em: 15 de jan. de 2022. (A matéria sobre o projeto é apresentada aos 30 minutos do vídeo).

Para construir um novo significado e olhar sobre si, o egresso, antes de tudo, precisou passar por um processo de reflexão sobre suas ações e sobre como as vivências estavam fazendo sentido dentro dos seus costumes, cultura e valores, para, depois, ter condições de ajudar o próximo. Nas falas dos egressos fica evidente que a maneira como receberam o convite para iniciar a participação no projeto foi um elemento importante para eles, que os fez se sentirem valorizados, honrados e perceberem que eram capazes. O Egresso 1 afirmou: “*Me senti honrado por ser escolhido*”. A coordenadora do projeto conversou com os professores da escola e solicitou indicações de alunos cujo perfil pudesse atender às necessidades da pesquisa.

Com isso, passados alguns dias, iniciou-se a participação de outros egressos no projeto:

Eu lembro que um dia em sala de aula, o Egresso 1, nosso colega, ele foi o primeiro, eu acho que um dos primeiros bolsistas ali; ele comentou que tinha sido ingressado no projeto e eu lembro que apareceu o convite para a gente também participar; daí veio eu e mais alguns colegas; conversamos com a senhora Vera, onde era a biblioteca. A gente conversou e explicou como seria e como deveria proceder, e a gente entrou no projeto (Egressa 2).

Ter a referência de professor que acredita, que tem um olhar que repara, observa as capacidades, mostrando não só por palavras, mas também por ações, faz com que os estudantes se sintam valorizados, capazes e apoiados. No entendimento de Santos (2011, p. 89), “[...] outra condição motivacional importante para enfrentar, com persistência, tarefas desafiadoras como a realização de pesquisa são as crenças de autoeficácia, em que o estudante acredita possuir os recursos para realizar as tarefas designadas”. Do mesmo modo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) refere-se ao estímulo à educação dos estudantes, que consiste em “[...] promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades” (Brasil, 2017, p. 14), de acordo com a necessidade e interesse de cada um.

Esse processo interativo foi destacado na fala dos bolsistas, do seguinte modo:

A professora Vera, ela pegava junto, digamos assim, dentro das possibilidades dela, os horários que ela tinha, que a gente sabe que ela tem bastante trabalho. Ela era bem envolvida. Mas sempre que ela podia estar aqui junto com a gente, nos orientando, tipo, olha tal livro, a gente vai ter que fazer assim ou a partir da semana que vem, de tentar fazer assim. Sempre a gente teve uma orientação bem grande dela e a Lu que também foi muito presente. Era uma referência aqui dentro, porque se precisa fazer como proceder uma coisa elas sempre estavam prontas e foram muito presentes (Egressa 3).

O professor, ou qualquer outra referência para o estudante dentro da escola, possibilita que ele perceba que é um sujeito em potencial, pois a “[...] importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida” são essenciais (Brasil, 2017, p. 15). O professor, nesse caso a orientadora do projeto, consegue grandes transformações junto aos estudantes em razão da “[...] necessidade de não desvincular o trabalho e o relacionamento do docente com o aluno” (Santos, 2011, p. 89). Assim relata a Egressa 3:

A professora Vera é uma pessoa que sente paixão pelo aprendizado, então ela sempre dava importância à aprendizagem constante. E hoje na empresa que eu comecei a trabalhar, ela é uma empresa muito ligada nisso. Considera isso muito importante, o aprendizado constante dentro da empresa e sempre tem vários cursos para manter o aprendizado sempre.

A relação dos bolsistas com a coordenadora do projeto, portanto, foi muito importante nessa caminhada, pois ela mostrou a eles a importância do planejamento, com objetivos claros e em sintonia com a propósito que se queria atingir. O acolhimento aos estudantes e o vínculo afetivo estabelecido contribuiu para o fomento da autonomia dos bolsistas no decorrer do projeto.

A liderança e a participação também se estendem às famílias. A base familiar é o primeiro grupo de relações em que os alunos convivem e em que iniciam a aprendizagem sobre como saber lidar com diferenças, resolver conflitos, compartilhar afetos e construir os valores que servirão de alicerce para novas vivências.

A participação dos pais e/ou responsáveis no acompanhamento dos processos de ensino e aprendizagem é muito importante e faz diferença no desenvolvimento do estudante, pois, segundo Bezerra (2013), com a participação da família os processos acontecem de forma mais efetiva. O aluno traz consigo a bagagem das experiências do seu meio familiar para o ambiente escolar. Cada família tem suas devidas preocupações com relação ao que seus filhos estão aprendendo na escola. Essas preocupações vão além da aprendizagem, ocupando-se do mesmo modo das amizades, seus comportamentos e atitudes no ambiente escolar.

As experiências vividas durante o projeto auxiliaram no desenvolvimento da confiança em si, em suas escolhas e atitudes, as quais foram sendo percebidas pelas famílias, como coloca

a Egressa 2: *“Meus pais, meu pai principalmente, ficou no começo meio assim, mas minha mãe foi super apoiadora, então, aos pouquinhos, foi tranquilo, porque daí ambos apoiavam!”*.

As oportunidades, promovidas pelo projeto, de ocupar o tempo ócio que os alunos tinham após o período escolar com atividades educativas foram vistas com bons olhos pelas famílias, pois perceberam que as demandas extraclasse ampliaram as aprendizagens e experiências de seus filhos. Os relatos das atividades do projeto, feitos pelos egressos às suas famílias, impulsionaram uma nova rotina no ambiente familiar, em que os pais e/ou responsáveis passaram a participar de forma mais ativa da vida escolar.

Fica evidenciado nos relatos que o apoio das famílias foi de grande importância para a permanência dos egressos no projeto. O relato da Egressa 4, referente à opinião da família sobre sua participação, mostra isso: *“Minha família achou legal, pois estava fazendo algo nas horas vagas”*. Compreende-se, assim, que a aproximação dos familiares com a escola, promovida pelo projeto, enriqueceu a experiência dos egressos, proporcionando conhecimento, novas experiências e crescimento pessoal.

Ao participarem da transformação do espaço da biblioteca e do trabalho que foi desenvolvido, com muito planejamento e cuidado por todos os envolvidos no projeto, os egressos puderam refletir sobre a importância da biblioteca na vida escolar de todos, independentemente da etapa escolar, conforme destaca o Egresso 1:

Eu gostei, participei quase até a conclusão dele; na verdade o ambiente estava revitalizado, não era dessa estrutura, mas peguei toda parte inicial de restauração, fiz a limpeza do espaço. Eu cheguei na escola acho que 2009 ou 2010, e ninguém usava a biblioteca; era um lugar abandonado; o nome biblioteca era só para existir, mas usar ninguém usava. Naquela época era subutilizada. Eu acho que só um professor, acho que nos últimos dias dele¹¹ na biblioteca.

Outro aspecto importante foi o crescimento pessoal de cada bolsista. Durante essa experiência, eles tiveram a oportunidade de identificar possíveis medos e timidez, sendo desafiados e apoiados para superarem essas dificuldades. Isso fica evidente na fala da Egressa 3: *“Foi uma experiência muito relevante para a minha vida, sendo que até hoje percebo como participar fez eu vencer medos que eu tinha, ter coragem e estar em constante aprendizado”*.

¹¹ O professor a quem o bolsista se refere aposentou-se no decorrer do ano.

Nesse sentido, Santos (2011, p. 89) defende que “A satisfação e o sucesso experimentado constituem, por sua vez, um reforço destas características”.

Após a conclusão do Ensino Médio, os egressos voltaram ao espaço para rever o ambiente e amigos que fizeram ali, como a funcionária Luciana, que sempre os recebe de braços abertos, como expõe a Egressa 4: “*Sempre que posso venho aqui; passo aqui para conversar com a Lu, conversar como estão as coisas, porque é algo que vou levar comigo*”. Há, por outro lado, o desejo de ter continuado a fazer parte do projeto, como o Egresso 5: “*Foi uma experiência muito boa e muito educativa que eu, particularmente, se eu pudesse teria continuado, como participante do projeto*”. Com o término do Ensino Médio, os egressos não poderiam mais continuar como bolsistas e encerraram um ciclo da vida, tendo em vista, agora, as novas escolhas que teriam na vida fora da escola.

7 Vivências transformadoras: transformação social

A participação no projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem proporcionou aos bolsistas envolverem-se com as ações de transformação social expressas nas unidades de significado: consciência social, vontade de fazer a diferença e agentes da mudança.

A transformação do espaço da biblioteca não se iniciou apenas com a escrita do projeto, a escolha da escola, o problema em questão e os objetivos a serem seguidos, mas também com o desejo de mudança daqueles que conviveram naquele espaço, que sentiram que poderiam fazer parte dessa transformação. Antes de qualquer coisa, eles compreenderam a importância da biblioteca e o impacto que ela poderia ter na e para a comunidade escolar. As transformações começaram antes mesmo da mudança física do ambiente, no movimento entre universidade e escola.

A biblioteca é uma extensão da sala de aula e atua como um espaço capaz de auxiliar no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes, ações que visam à melhoria da autonomia. Ela tem esse papel importante não só nos ambientes escolares, pois carrega, em si, cultura, tradições e memórias que podem ser compartilhadas de diversas formas e por todos que passam por lá, como ensina a competência de número um da BNCC: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital

para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2017, p. 9).

O início da transformação social se deu pelo desejo de mudar o ambiente no qual se convive diariamente, reconhecendo os valores e as memórias experienciadas nele. Existiu um olhar que viu outras perspectivas, mesmo que elas não tenham garantia de atender a todos.

A contribuição faz parte de uma construção em conjunto, e os bolsistas foram capazes de inovar, fazer a diferença, mesmo que de forma inconsciente, apesar de não acertarem todas as vezes, mas superando suas próprias demandas, comprometidos em realizar pequenas mudanças que resultaram em pequenos gestos entre os que ali passaram, como conta o relato da Egressa 2: “Às vezes, no corredor, vinham abraçar a gente: olha a tia da biblioteca!”. Esses atos de afeto marcam muito mais que as práticas pedagógicas que os bolsistas poderiam preparar.

“As nossas funções vão além de organizar, catalogar, colocar no sistema do computador, cadastrar alunos e atualizar o sistema, ajudar os professores com a leitura dos anos menores, organizar prateleiras, objetivos do projeto”, comenta a Egressa 5.

Há o reconhecimento do trabalho dos bolsistas, da importância dos livros na trajetória e nas ações na realidade deles hoje. Segundo a Egressa 2, “se hoje sou o que sou, eu apoio bastante a leitura, eu creio na diferença que faz, por mais que seja algo pequeno”. Dessa forma, os egressos fizeram uma análise sobre a participação deles como bolsistas de Iniciação Científica Júnior no período escolar e concluíram que tiveram muita aprendizagem experienciando atividades em lugares fora da escola, fazendo com que olhassem as pessoas de uma outra maneira e construindo novas amizades.

8 Construção de um projeto de vida

A participação dos BICJs valeu, antes de tudo, pela experiência vivenciada no espaço escolar, diferente da sala de aula, e pela motivação em continuar os estudos, como relata a Egressa 2: “Ali, com 17 ou 18 anos, temos vários sonhos, a gente tem várias expectativas, muitas das vezes a vida não é bem assim, e a gente começa a aprender. A gente aproveita as oportunidades que batem à nossa porta”. Pode-se notar que foi um momento único na formação do Ensino Médio, esse novo olhar dos egressos abriu portas para conhecerem novas possibilidades e mostrou que, no decorrer do projeto, essa participação os transformaram por

meio das experiências e dos novos conhecimentos que adquiriram, modificando, até mesmo, a própria identidade.

A resposta do Egresso 1: *“Pessoalmente, foi uma experiência muito motivante. Eu sabia que a bolsa era um reconhecimento do meu potencial como aluno e eu gostei de ter participado de um projeto acadêmico pela primeira vez”*. Percebe-se que ele reconhece a bolsa como sendo uma resposta a sua competência enquanto estudante, isso devido, talvez, à indicação de seu nome para participar do projeto por méritos escolares, o que o fez ser lembrado. Além da formação para a pesquisa, os egressos de Iniciação Científica Júnior são incentivados a continuar os estudos, assim como aborda Oliveira (2015, p. 117): “[...] concede bolsas aos estudantes da Educação Básica com a finalidade de identificar, despertar e incentivar talentos para a carreira acadêmica e científica”. As atividades como BICJs foram estratégias para que os egressos pudessem experienciar momentos como a construção de artigos, projetos e ter acesso à universidade e grupos de pesquisa.

Como parte do projeto de vida prospectado, os egressos relatam mais sobre como viam seu futuro – *“Eu vi que a gente não pode parar”* (Egressa 2) –, observando os desafios diários além da sala de aula e qual caminho seguir. Destaca-se a importância da escola, da parceria com a universidade e das iniciativas, como a iniciação científica ou projetos extracurriculares, de mostrar que todos têm as suas potencialidades.

É importante o estudante ter consciência de que pode ter um futuro melhor – como relata a Egressa 2: *“A gente tem que aproveitar essas escolhas, que bate na nossa porta”* –, fazer aquilo que gosta e ter condições de seguir uma profissão e enfrentar o mercado de trabalho com a possibilidade de transformar. No entendimento de Reis (2017), “[...] nos transformar para que sejamos capazes de transformar os outros, de ser exemplos, modelos de transformação da sociedade”.

Em relação à continuação dos seus estudos e conhecimentos, a Egressa 2 menciona: *“Então decidi entrar para o Ensino Superior em busca de novos conhecimentos, para através dele, de alguma forma, poder ajudar mais pessoas, pois toda experiência leva a novas oportunidades”*. Os egressos reconhecem a realidade em que estavam inseridos, com toda (ou não) sua estrutura social. Eles entendem seus limites, mas são conscientes das possibilidades de acrescentar, por menores que sejam, ações de melhorias.

Aprendizagem e desenvolvimento cognitivo são diretamente influenciados pelas características próprias dos estudantes, por suas interações com agentes de socialização e pela qualidade de seus esforços. Interação com professores também inclui as interações em sala de aula e a qualidade intelectual dos conteúdos e instruções que receberam. Características organizacionais e estruturais do ambiente universitário influenciam indiretamente a aprendizagem, e os resultados cognitivos agem mediante as interações com agentes de socialização e a qualidade do esforço do estudante (Felicetti, 2011, p. 63).

Sobre o “hoje”, o viver o hoje, percebe-se as oportunidades que estão à nossa volta como desafios. Não se pode enquadrar-se a rótulos dados, conforme leciona Capra (2006, p. 15), “[...] onde situar o potencial do que nós, seres humanos, podemos criar, gerando um futuro, que menos em parte seja reflexivo [...]”; é preciso posicionar-se ante a realidade e ao que se apresenta. Participar do projeto na escola de Educação Básica como BICJ pode abrir portas no futuro, com mais uma experiência no currículo, como relata o Egresso 1: *“Recentemente tenho participado de alguns projetos, também como bolsista de Iniciação Científica na universidade”*. Esse egresso está cursando Biotecnologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O contato com a Educação Superior é necessário para encorajar e assegurar que é possível cursar a Graduação após a conclusão do Ensino Médio. A escola, em sintonia com a universidade, aproxima os estudantes e lhes proporciona os primeiros contatos, como mostra o Egresso 1: *“[...] contato com o ambiente acadêmico pela primeira vez, quando eu participei da apresentação dele em conjunto com a professora e os outros participantes”*. A Egressa 2, por sua vez, traz: *“Meu primeiro contato com a universidade foi através da BICJ”*.

Atualmente, dos egressos participantes da entrevista, três estão cursando a Educação Superior nos cursos de Biotecnologia, Fisioterapia e Ciências Contábeis. Cada egresso percorreu um caminho diferente na sua entrada para a Graduação, como relata o Egresso 1:

Eu saí do colégio já pensando em prestar o vestibular para o curso. Na época, eu estava fazendo aprendizagem [refere-se a estudos em casa]. Eu estava trabalhando e não tive muito tempo para estudar naquele ano, naquele período, e eu prestei o vestibular, só que eu acabei não passando no primeiro ano. Então, no próximo ano eu fiquei nesse meu trabalho e ao final eu prestei o vestibular de novo para o mesmo curso. Aí eu acabei passando, aí eu resolvi fazer faculdade.

Após três anos de conclusão do Ensino Médio, cada egresso superou suas próprias expectativas, não desistindo de seus sonhos, e observando que a participação no projeto fez

diferença no contínuo de suas vidas. Ao se tornarem bolsistas, portanto, cada um desempenhou com dedicação e determinação suas funções, interagindo na escola e na universidade, beneficiando-se individual e coletivamente na preparação para suas escolhas e no encaminhamento para a Educação Superior. Nesse contexto, as categorias levantadas neste estudo se comunicam; os muitos depoimentos dos egressos mostram isso, repetem e se entrelaçam, hora em uma, hora em outra categoria. Experimentar a Educação Superior ainda no Ensino Médio estimula, motiva e prepara para o ingresso no contexto da universidade. Ser bolsista ICJ deixa o registro no histórico da trajetória de cada egresso.

O projeto de vida desses egressos incentiva a prospectar o futuro, tendo, assim, uma ampliação de experiências. Esses estudantes vêm de um bairro da periferia e enxergam a oportunidade de ir além. Percebem que é possível sair desse ambiente almejando algo maior. Foi devido à transformação do olhar sobre si e o outro, do que está em seu entorno, que ocorreram as transformações na vida de cada bolsista.

9 Considerações finais

Conhecendo melhor e analisando as percepções dos egressos que foram bolsistas de ICJ e as teorias que envolvem e sustentam os programas do PIBIC-EM, acrescenta-se, com esta pesquisa, novos conhecimentos para a comunidade escolar envolvida e para o crescimento da ciência, pois o estudo mostra as oportunidades que os estudantes de uma escola estadual de Educação Básica obtiveram com a interação com o Educação Superior. Foram possibilidades de participar de eventos, seminários e atividades em outros ambientes fora da escola, e de a comunidade escolar compartilhar de um espaço chamado biblioteca.

Esta pesquisa, com foco nos bolsistas de ICJ, mostra que o experienciado por eles vai além da iniciação científica, pois proporcionou experiências que lhes abriram possibilidades para a vida. A partir do que foi vivenciado, os estudantes mudaram a visão de si, passaram a acreditar em suas potencialidades, a olhar para fora dos muros da escola e do contexto social que viviam, transformaram suas vidas ao delinearem um projeto de vida. Começaram a sonhar e ver um futuro melhor para si e para suas famílias, contribuindo assim para a transformação social do contexto em que vivem.

Nesse sentido, as práticas desenvolvidas no decorrer do projeto com os bolsistas estão em sintonia com o proposto pelo CNPq, incentivando os talentos com a participação em

atividades de diferentes formas, desenvolvendo nos estudantes o amadurecimento ao longo do processo de escolaridade e entrelaçando os conhecimentos adquiridos em sala de aula com o cotidiano. Ficou evidente um aprimoramento das competências e habilidades necessárias à educação científica e tecnológica, bem como a mediação e orientação entre bolsistas e professores na Educação Superior. É visível nos depoimentos dos bolsistas egressos a interação e afinidade entre eles e a orientadora, fato que contribuiu para a transformação em suas vidas.

Considerando todo o contexto que envolveu os bolsistas e as suas contribuições para o projeto, pode-se afirmar que não apenas a realidade da escola mudou, mas também transformou, de forma individual e coletiva, todos os que participaram do projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem. O cotidiano da escola mostra-se transformado pelo aumento de atividades organizadas e realizadas pelos professores envolvendo o acervo da biblioteca, aumentando o número de leitores e frequentadores do local. Isso reflete na interação entre alunos e professores, no desempenho da aprendizagem, no sucesso deles na escola.

Ao mesmo tempo, destaca-se a necessidade de mais estudos que se aprofundem sobre bolsistas de ICJ, bem como estudos envolvendo egressos do Ensino Médio que não foram bolsistas de Iniciação Científica em estudos comparados com bolsistas.

Agradecimento: As autoras agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas Bolsas de Iniciação Científica Júnior (BICJ) e ao Banco que financiou o projeto Biblioteca Viva: Espaço de Apoio aos Processos de Ensino e de Aprendizagem.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEZERRA, F. L. **A pesquisa como elemento motivador para melhoria da aprendizagem.** 2013. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CNPq. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio – PIBIC EM** [2022]. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/pibic-ensino-medio>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CONCEIÇÃO, A. J. da. **Contribuições do Programa de Iniciação Científica Júnior na Universidade Estadual de Londrina (UEL): a formação de um habitus adequado ao campo científico**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas) – Universidade Estadual de Maringá.

FELICETTI, V. L. **Comprometimento do estudante: um elo entre aprendizagem e inclusão social na qualidade da educação superior**. Porto Alegre: PUC-RS, 2011. 298 p. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3708?mode=full>. Acesso em: 15 out. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva; processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciências & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLIVEIRA, A. **A Iniciação Científica Júnior (ICJ): aproximações da educação superior com a educação básica**. 2015. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

REIS, F. (org.). **Destruição criativa na educação superior: construindo modelos inovadores e sustentáveis para além da crise econômica**. São Paulo: Cultura, 2017.

RODRIGUES, B. D. G. **A Iniciação Científica Júnior multidisciplinar como facilitadora da alfabetização científica**. São Carlos: UFSCar, 2017. 88 f. Dissertação (Mestrado em Química) – Universidade Federal de São Carlos, 2016.

ROBAYO, A. DEL R. P.; FELICETTI, V. L. Comprensiones sobre la práctica pedagógica del profesor: la lúdica en la Hora del Cuento. **Educación**, Santa Maria, v. 43, n. 3, p. 393-412, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/28323/pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

SANTOS, J. K. R. dos. **Oportunidades de aprender sobre pesquisa na Iniciação Científica Júnior de uma bolsista no Clube de Ciências da UFPA**. 2011. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, 2011.

SEDUC. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Departamento pedagógico. Coordenação de Gestão da Aprendizagem. Equipe de Apoio à Leitura, Livro e Literatura. **Dinamizando a biblioteca escolar**. Porto Alegre, 2014.

TRANSFORMAÇÃO da biblioteca. **RBS TV** (Jornal do Almoço). Porto Alegre/RS, 2017.1 vídeo (2 min). Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/porto-alegre/v/alunos-e-professores-de-escola-publica-de-porto-alegre-se-unem-para-transformar-biblioteca/5875554/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

REGIS, M. G.; FELICETTI, V. L.

TRANSFORMAÇÃO da biblioteca. **TVE** (Panorama). Porto Alegre/RS, 2017.1 vídeo (A matéria sobre o projeto é apresentada aos 30 minutos do vídeo). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=beL8iFTq_BU. Acesso em: 28 ago. 2022.

Enviado em: 12/08/2023

Revisado em: 11/05/2024

Aprovado em: 22/05/2024